

O MAPA DO FUTURO GLOBAL E AS POTÊNCIAS MÉDIAS EMERGENTES

Verônica Moreira dos Santos Pires*

RESUMO

O Mapa do Futuro Global, publicado em 2005 pelo Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos, prevê que China, Índia e outras potências emergentes como o Brasil podem inaugurar um novo conjunto de alinhamentos internacionais, marcando potencialmente uma ruptura definitiva com os modelos e práticas institucionais do pós-Segunda Guerra Mundial. Registra que a combinação de alto crescimento econômico, expansão das capacidades militares, promoção ativa de altas tecnologias e grandes populações vai estar na raiz do aumento do poder econômico e político tanto na China quanto na Índia. E acrescenta outras alterações suscetíveis de moldar a nova paisagem geopolítica. De acordo com o documento em tela, China e Índia, diante da necessidade de garantir acesso a fontes de energia, deverão impulsionar outras potências emergentes, como o Brasil, transformando-os em verdadeiros poderes regionais. Diante do exposto, o presente estudo buscou registrar o movimento da potência hegemônica no sentido de manter seu *staus quo*, através da análise de incertezas-chave presentes no Mapa do Futuro Global com ênfase na sua qualidade argumentativa. Para tanto serão utilizadas as três teses elaboradas por Albert O. Hirschman e a contribuição de Carl Sagan sobre argumentação.

Palavras-chave: Estados Unidos, cenário, retórica.

ABSTRACT

The Mapping the Global Future, published in 2005 by the National Intelligence Council of the United States, predicts that

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGHC/UFRJ, professora de História da América e de Teoria e Metodologia da Universidade Veiga de Almeida no Rio de Janeiro - UVA/RJ, contuadista de História da Fundação Cecierj e pesquisadora junto ao Laboratório de Simulações e Cenários da Escola de Guerra Naval - LSC/EGN. E-mail: veronica.pires@ig.com.br
Endereço postal: Rua Santa Amélia, 88 - Bloco B - Ap. 806. Praça da Bandeira. Rio de Janeiro/RJ. CEP. 20.260-030.

China, India and other emerging powers like Brazil may usher in a new set of international alignments, potentially marking a definitive disruption with the models and institutional practices of the post-World War II. Join the combination of high economic growth, expanding military capabilities, active promotion of high technologies and large populations will be at the root of increased economic and political power in both China and India. It adds that other changes can also shape the new geopolitical landscape. According to the document on screen, China and India, given the need to ensure access to energy sources, should propel other emerging powers such as Brazil, transforming them into true regional powers. Given the above, the present study sought to record the motion of the hegemonic power in order to maintain its status quo, through the analysis of key uncertainties present in Mapping the Global Future with emphasis on its argumentative quality. For both, it will be used the three theses prepared by Albert O. Hirschman and the contribution of Carl Sagan on argumentation.

Keywords: United States, scenario, rhetoric.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Mapa do Futuro Global, publicado em janeiro de 2005 pelo Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos-NIC, prevê que China, Índia e outras potências emergentes como o Brasil podem inaugurar um novo conjunto de alinhamentos internacionais, marcando potencialmente uma ruptura definitiva com os modelos e práticas institucionais do pós-Segunda Guerra Mundial.¹ No entanto, atenta para o fato de que a relação de China e Índia com as demais potências no sistema internacional aparece como uma incerteza chave.

Registra que a combinação de alto crescimento econômico sustentado, expansão das capacidades militares, promoção ativa de altas tecnologias

¹ NIC. Mapping the Global Future. Report of the National Intelligence Council's 2020 Project. National Intelligence Council. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/2020/2020.pdf>.

O National Intelligence Council - NIC, ou Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos, é o centro de inteligência norte-americano para o pensamento estratégico de médio e longo prazos. Dentre suas principais funções destaca-se o apoio ao Diretor de Inteligência Nacional (DNI), ou seja, ao chefe da Comunidade de Inteligência (CI) e principal assessor do Presidente em assuntos de inteligência relacionados à segurança nacional. Para tanto, formula o curso provável dos acontecimentos futuros e tem como objetivo, de acordo com seu site oficial, fornecer aos formuladores de políticas informações imparciais, independentemente de juízos analíticos, em conformidade com a política dos Estados Unidos. Informações disponíveis em: http://www.dni.gov/nic/NIC_about.html.

e grandes populações vai estar na raiz do aumento do poder econômico e político tanto na China quanto na Índia.

Acrescenta outras alterações suscetíveis de moldar a nova paisagem geopolítica. A crescente demanda por energia seria responsável pela condução de muitas dessas prováveis mudanças. De acordo com o documento em tela, China e Índia, diante da necessidade de garantir acesso a fontes de energia, deverão impulsionar outras potências emergentes, como o Brasil, transformando-os em verdadeiros poderes regionais.

Apesar da tendência ao uso mais eficiente da energia, o total mundial consumido, previsto pelo documento, provavelmente aumentará em cerca de 50% entre 2000 e 2020, com uma parcela crescente fornecida pelo petróleo. E, ao mesmo tempo em que se acirram novas rivalidades em torno de algumas regiões, como o Mar Cáspio, fornecedores tradicionais no Oriente Médio estão cada vez mais instáveis. Assim, uma competição mais acirrada baseada na procura desses recursos, considerando a possibilidade de ruptura de fornecimento, está entre as principais incertezas apontadas pelo referido Mapa do Futuro Global, de 2004.

Note-se o aumento das preocupações de vários países em torno do que vem se convencendo chamar de segurança energética, cujo foco é a garantia de fornecimento de recursos energéticos aos países dependentes da importação dos mesmos, notadamente os países europeus, os Estados Unidos e as locomotivas econômicas China e Índia. A título de ilustração, a edição de 2010 do Panorama Energético Mundial, anualmente publicado pela Agência Internacional de Energia-IEA, inclui pela primeira vez um cenário que antecipa as futuras ações dos governos frente à crescente insegurança em matéria de energia²

Segundo José Luís Fiori, diante da já conhecida insegurança da Europa, dos Estados Unidos, da China e da Índia com relação às garantias de fornecimento de recursos energéticos, estima-se que os mesmos não pouparão esforços para garantir o acesso contínuo a fornecedores externos. Nesse sentido, a necessidade de energia se apresenta como um fator importante na concepção de suas políticas externa e de defesa, incluindo expansão do poder naval.³

Em que pese a necessidade, ao menos nas democracias, de introduzir algum sabor ético, humanitário ou de clara razão de segurança a qualquer

² IEA. World Energy Outlook 2010. International Energy Agency. Disponível em: <http://www.worldenergyoutlook.org/media/weo2010.pdf>.

³ FIORI, José Luís. A nova geopolítica das nações e o lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul. Jul. 2010. Unicap. Disponível em: <http://www.unicap.br/real/artigos/ProfFiori.pdf>.

intervenção que se pretenda legítima, vale lembrar que o neocolonialismo experimentado a partir do século XIX encontrou parcela de sua legitimidade no discurso civilizatório e boa parte das intervenções norte-americanas do século XX carregaram o discurso da extensão da democracia aos países considerados ameaça à segurança internacional. Se interesses nacionais estavam por trás desses discursos, como já denunciado pela história, cumpre refletir a respeito dos discursos acerca do tema escassez de recursos como, por exemplo, recursos energéticos, e suas implicações para a área de defesa dos países produtores de petróleo e gás, no século XXI.

Diante do exposto, o que se segue é uma breve análise de parte do conteúdo do Mapa do Futuro Global, publicado em 2004 pelo Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos - NIC, com ênfase em alguns interesses estratégicos do Brasil, fundamentada na tipologia das falácias elaborada por Carl Sagan e nas três teses, construídas por Albert O. Hirschman, acerca do tema retórica reacionária.⁴

UM OLHAR SOBRE O DISCURSO: AS FALÁCIAS DE CARL SAGAN E AS TESES DE ALBERT O. HIRSCHMAN

Antes de introduzir as contribuições de Carl Sagan e de Albert O. Hirschman, cumpre mencionar, ainda que de forma parcial, o relatório intitulado Um Cenário de Mudança Abrupta do Clima e suas Implicações para a Segurança Nacional dos Estados Unidos, elaborado, em 2003, por Peter Schwartz e Doug Randall:

À medida que se reduzem as capacidades de suporte de recursos em níveis globais e locais, as tensões podem crescer em todo o mundo, levando a duas estratégias fundamentais: defensiva e ofensiva. Algumas nações podem construir fortalezas virtuais em torno de seus países, preservando os recursos para si próprias. Outras, menos afortunadas, [...] podem iniciar lutas pelo acesso a alimentos, água limpa ou energia. Alianças improváveis podem ser formadas diante da mudança de prioridades de defesa, caso o objetivo seja a garantia de recursos para sobrevivência, em vez de religião, ideologia ou honra nacional.⁵

⁴ SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras: 2006. HIRSCHMAN, Albert. O. A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁵ SCHWARTZ, Peter & RANDALL, Doug. An abrupt climate change scenario and its implications for United States national security. Global Business Network. Out. 2003. Disponível em: <http://www.gbn.com/articles/pdfs/Abrupt%20Climate%20Change%20February%202004.pdf>.

Ainda sobre a reflexão em tela, seguem as palavras de John Gray:

A expansão industrial desencadeou uma mudança do clima global que é maior, mais rápida e mais irreversível do que alguém imaginara, enquanto os combustíveis não renováveis que alimentam a indústria estão a tornar-se mais escassos à medida que a sua procura continua a aumentar. Esses factos têm implicações na guerra e na paz [...] Todavia, as implicações militar-estratégicas da crise ecológica raramente são examinadas e o assunto continua a ser tabu.⁶

A história já mostrou o quanto já se fez pelo controle e monopolização das fontes de energia imprescindíveis ao funcionamento econômico do mundo industrializado. E, ainda que vozes críticas afastem a possibilidade de grandes guerras, não há garantia de paz ou tranquilidade para o sistema internacional. O registro de conflitos locais, internacionais ou internos, decorrentes de litígios dos mais variados matizes denuncia a atual instabilidade do sistema.

Nas palavras do Almirante Mário César Flores:

[...] o acesso aos - e o controle sobre os - recursos naturais e o descaso pelo meio ambiente, indutor de efeitos transnacionais, podem produzir tensões de risco, como já produziram no passado. Essas razões para conflitos são, na verdade, uma crescente preocupação mundial: já existem contenciosos relacionados com os hidrocarbonetos e a água doce e começam a emergir sinais de contenciosos relacionados com a questão ambiental/climática, cuja real dimensão ainda depende de mais conhecimento científico.⁷

Em assim sendo, considerando relevantes as contribuições dos autores supracitados, cumpre verificar o vigor e a solidez da argumentação utilizada na construção dos discursos do já mencionado documento publicado em forma de cenários futuros pelo Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos - NIC, em 2004. Considere-se que sob a lógica de Fiori, o predicado competitivo inerente ao sistema inaugurado em Vestfália, em 1648, força toda potência a seguir expandindo seu poder

⁶ GRAY, John. A morte da utopia e o regresso das religiões apocalípticas. Lisboa, Portugal: Guerra e Paz Editores, 2008, p.266.

⁷ FLORES, Mário César. Defesa nacional: parâmetros internacionais e problemas internos. Interesse Nacional, s/d. Disponível em: http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=2.

sob o risco de perder sua posição.⁸ Nas palavras de Norbert Elias: “quem não sobe, cai”.⁹ Ademais, um percurso pela história evidencia que, em geral, países hegemônicos se orientaram pelos próprios interesses nacionais, o que trouxe por vezes, não poucas, instabilidade internacional e crises sistêmicas. Nesse sentido, convém observar o movimento norte-americano no sentido de manter sua posição hegemônica no sistema internacional, entendido como uma exigência inerente ao próprio sistema. Para tanto, cabem as valiosas contribuições de Albert O. Hirschman e de Carl Sagan.

O que se segue, para efeito de compreensão da metodologia utilizada, é a verificação de distorções no ato de processar as informações presentes nos cenários futuros do NIC, sobre 2020, e de seus efeitos em termos de percepção do incerto. Vale ressaltar que a abordagem realizada não inviabiliza a noção de causas e consequências.

Para Carl Sagan, a pseudociência difere da ciência errônea.

A ciência prospera com seus erros, eliminando-os um a um. Conclusões falsas são tiradas todo o tempo, mas elas constituem tentativas. As hipóteses são formuladas de modo a poderem ser refutadas. [...] Alguns sentimentos de propriedade individual são certamente ofendidos quando uma hipótese científica não é aprovada, mas essas refutações são reconhecidas como centrais para o empreendimento científico.¹⁰

Já a pseudociência é exatamente o oposto. As hipóteses são formuladas de forma que permaneçam invulneráveis a qualquer experimento ou perspectiva de refutação, ou seja, para que em princípio não possam ser invalidadas.

Nesse sentido, ganha importância a construção e a compreensão do argumento racional e - o que é especialmente importante - de reconhecer um argumento falacioso.¹¹ Todavia, alerta Sagan: “O que é vago e qualitativo é suscetível de muitas explicações. Há certamente verdades a serem buscadas

⁸ FIORI, José Luís. Sobre o poder global. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 73, Nov. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000300005&lng=en&nrm=iso.

⁹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p.134.

¹⁰ SAGAN, Carl. *Op. cit.*, p.39.

¹¹ Sobre argumentos falaciosos ou falácias: “Falácias são argumentos defeituosos ou fracos, raciocínios enganosos, também chamados de ‘sofismas’. São formas que cometem erros formais – quando desobedecem algo em relação à lógica – ou informais – quando têm problemas com o tipo de suporte que as premissas dão às conclusões.” NAVEGA, Sergio. *Pensamento crítico e argumentação sólida*. São Paulo: Publicações Intelligente, 2005, p.37.

nas muitas questões qualitativas que somos obrigados a enfrentar, mas encontra-las é mais desafiador.”¹²

Cumpre lembrar que, diante de uma cadeia de argumentos, todos os elos na cadeia devem funcionar - e não apenas a maioria deles. Sob a ótica de Carl Sagan, a análise da construção lógica dos argumentos busca a identificação dos argumentos insidiosos considerados, pelo autor, mais comuns e perigosos. Simultânea à análise com base na contribuição de Carl Sagan, Albert O. Hirschman, ao elaborar suas três teses, também oferece munição para a análise que se propõe.

De acordo com o economista e cientista social alemão Albert O. Hirschman, desde os episódios tratados pela história como Revolução Francesa, as posteriores ameaças à ordem vigente mobilizaram conservadores e reacionários de diferentes matizes que respondem pela elaboração de forte arsenal discursivo para protegê-la.

Recorrendo ao material extraído de discursos parlamentares redigidos no calor da hora e a livros clássicos do pensamento antirrevolucionário e antirreformista, Hirschman apresenta suas três teses - perversidade, futilidade, ameaça - as quais, defende o autor, há mais de duzentos anos se repetem compulsivamente na retórica de conservadores e reacionários. As três teses se destinam a provar que qualquer tentativa de mudar a sociedade é desastrosa, tola ou prejudicial sem que a elegância do texto e a clareza dos argumentos sofra qualquer arranhão.

A análise ganha corpo quando Hirschman lança mão de três momentos do pensamento reacionário, quais sejam: as ideias liberais contidas no seio da Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão; o processo de democratização e o debate sobre o sufrágio universal do século XIX; e o estado de bem-estar social do século XX. Diante de argumentos extraídos de cada período supramencionado o autor demonstra a pertinência de suas teses.

A tese da perversidade denuncia que o argumento reacionário ou conservador interpreta quaisquer ações voltadas para melhorar aspectos da ordem social, política ou econômica como ações que produzirão, por meio de uma cadeia de consequências não intencionais, o exato oposto do objetivo desejado.

Já a tese da futilidade prevê que os argumentos reacionários buscam convencer que tentativas de transformação não produzirão quaisquer efeitos. O jogo de soma zero seria resultado do desconhecimento de

¹²SAGAN, Carl. Op. cit., p.242.

certa lei supostamente estabelecida pelas ciências sociais. Por assim dizer, movimentos que reivindiquem mudanças serão, invariavelmente, incapazes de alterar o status quo, pois as estruturas profundas da sociedade permanecerão intactas.

Por fim, a tese da ameaça defende que o custo de uma reforma é inaceitável, haja vista o risco de prejudicar as realizações já conquistadas.

O MAPA DO FUTURO GLOBAL – PROJETO 2020 SOB A ÓTICA DE CARL SAGAN E DE ALBERT O. HIRSCHMAN

Em conformidade com o NIC, cenários são visões alternativas plausíveis sobre como o futuro pode se desenvolver e diferem da previsão por não tentarem prever o futuro com base em extrapolações lineares do passado. Cenários não procuram projetar o futuro, mas explorar futuros alternativos. Concentram-se na identificação de discontinuidades e como estas poderiam desenvolver-se conjugadamente ao longo do tempo. Nesse sentido, os cenários se apresentam como mecanismos de antecipação de desenvolvimentos futuros e de avaliação de estratégias para responder a esses eventos ou condições. No limite, o documento publicado pelo NIC, em 2004, objetiva dotar os decisores políticos dos Estados Unidos de uma visão de como poderiam evoluir os acontecimentos mundiais, identificando oportunidades e desenvolvimentos potencialmente negativos que mereçam ação política.¹³

O documento publicado pelo NIC, de fato, como registrado na Apresentação de sua publicação em português, não se aproxima em nada a uma análise neutra comprometida com uma rígida metodologia.¹⁴ Verifica-se, claramente, a presença dos interesses estratégicos norte-americanos ao longo de todo o texto, notadamente na escolha de temas prioritários e nos questionamentos. Vale ressaltar, que o cunho não acadêmico do texto não prescinde de premissas bastante reais como, por exemplo, a emergência de novas potências, dentre as quais encontram-se a China, a Índia e o Brasil. E, diante dessa realidade, os cenários em tela apresentam alguns desafios à manutenção da hegemonia dos Estados Unidos até 2020.

De acordo com o documento, algumas certezas relativas e incertezas-chave compõem a paisagem global em 2020. Desse conjunto de certezas e de incertezas, o foco foi direcionado a três delas, quais sejam: por

¹³ Cf. <http://www.dni.gov/>.

¹⁴ CIA. Central Intelligence Agency - United States of America. Relatório da CIA: como será o mundo em 2020. São Paulo: Ediouro, 2006.

certezas relativas, o NIC prevê o “suprimento de energia suficiente para atender à demanda global”. Em contrapartida, a incerteza-chave aponta para a “instabilidade política nos países produtores de petróleo; crise no suprimento mundial”. Acrescente-se, a título de certeza relativa, a pequena probabilidade de um conflito deflagrar uma guerra mundial, considerando, uma incerteza-chave, a “capacidade norte-americana de administrar zonas de conflito e competição por causa de recursos”. Por fim, os Estados Unidos permaneceriam, para efeito de certeza relativa, como “o mais poderoso ator nos setores econômico, tecnológico e militar”. Contudo, a incerteza-chave destaca a presença de países que “desafiarão Washington mais abertamente, caso os EUA percam a posição de líder científico e tecnológico”.¹⁵

Diante deste panorama, entende-se que as políticas externa e de defesa norte-americanas caminhem no sentido de garantir suas demandas internas de petróleo e de enfrentar desafios por parte do possível rearranjo no funcionamento do sistema internacional causado pela emergência de novas lideranças. E, nesse sentido, junto ao documento é possível verificar algumas construções argumentativas que merecem destaque e impõem cuidadosa atenção.

Dentre as “Implicações políticas” presentes no documento: “A dependência do petróleo estrangeiro também deixa os Estados Unidos mais vulneráveis conforme aumenta a competição pela garantia do acesso ao recurso e crescem os riscos de interrupção do abastecimento”.¹⁶ Sendo que, sob olhar do NIC, o “Brasil é parceiro natural [grifo meu] tanto dos Estados Unidos e da Europa, quanto da China e da Índia e tem potencial para ampliar seu papel como exportador de petróleo.”¹⁷ Da contribuição de Carl Sagan, extrai-se que o argumento é falacioso, recaindo na sua tipologia como uma falácia denominada Petição de Princípio, pois o termo natural, utilizado na citação, supõe uma total previsibilidade do Brasil com relação à consolidação de suas parcerias, descartando a possibilidade de uma escolha estratégica por parte do governo brasileiro.¹⁸ E, as questões que se impõem são: o que garante tamanha certeza do pensamento norte-americano acerca da parceria brasileira? Essa parceria natural é considerada uma solução para os desafios impostos pelas possíveis rupturas no abastecimento de recursos energéticos por parte dos grandes países exportadores?

¹⁵ NIC. Op. cit., p.8.

¹⁶ Id. *ibid.*, p.117.

¹⁷ Id. *ibid.*, p.54.

¹⁸ SAGAN, Carl. Op. cit., p.245.

No tópico intitulado “Como o mundo vê os EUA”, chama a atenção o olhar da África subsaariana. Segundo o documento: “[...] os EUA e outros países ocidentais podem não continuar aceitando [grifo meu] o produto de ‘exportação’ africano de maior sucesso, suas pessoas”.¹⁹ Considerando as diversas ações políticas, por parte dos considerados países desenvolvidos, voltadas para a imigração, os mesmos já não aceitam esses imigrantes africanos subsaarianos há algumas décadas. Contudo, essa não é a constatação mais intrigante. Carl Sagan intitula Espantalho a falácia que caricatura uma posição para facilitar a ofensiva.²⁰ Através dessa lente, considerar os africanos subsaarianos um sucesso de exportação se encaixa sob medida na análise do discurso a que se destina nosso texto.

No “Sumário executivo”, o NIC registra que: “[...] os cenários e tendências que analisamos sugerem a possibilidade de aproveitamento do poder dos novos jogadores no sentido de contribuir para a segurança global e aliviar os EUA de parte dessa responsabilidade [grifos meus]”.²¹ Os termos aliviar e responsabilidade, presentes nesta citação, levam à outra falácia, na tipologia de Carl Sagan, denominada Palavras Equívocas.²² O termo aliviar aparece como um eufemismo para desafiar, da mesma forma que o termo responsabilidade parece nitidamente utilizado como um eufemismo para dominação. Em assim sendo, a leitura sem eufemismos poderia ser: “[...] os cenários e tendências que analisamos sugerem a possibilidade de aproveitamento do poder dos novos jogadores no sentido de contribuir para a segurança global e desafiar os EUA no que tange a essa dominação.

Ao substituir a lente de Sagan pela lente de Hirschman, também é possível identificar a presença de suas três teses (perversidade, futilidade e ameaça), conforme descrito anteriormente.

Um exemplo da tese da perversidade, presente no documento elaborado pelo NIC, pode ser verificado na seguinte implicação política detectada: “Em um mundo globalizado onde a informação é rapidamente partilhada - incluindo a partilha transfronteiriça feita internamente por empresas multinacionais - o criador da nova ciência ou tecnologia pode não ser necessariamente o beneficiário no mercado.”²³

Diante da citação em tela, o que se percebe é a presença do argumento reacionário ou conservador encaixado na tese da perversidade de

²⁰SAGAN, Carl. Op. Cit., p. 248.

²¹ NIC. Op. cit., p.18.

²²SAGAN, Carl. Op. cit., p.249.

²³ NIC. Op. cit., p. 112.

Hirschman. Sob esse viés interpretativo, a criação de novas tecnologias não beneficiará, obrigatoriamente, seu criador; ao contrário, tal criação pode beneficiar justamente o opositor ou o concorrente.

Já a tese da futilidade pode ser conferida na seguinte passagem do documento:

[...] um forte crescimento econômico provavelmente vai ajudar a superar as divisões e a impulsionar mais regiões e países no sentido de uma nova ordem global. No entanto, as rápidas mudanças também podem produzir, às vezes, desordens; uma das lições aprendidas com esses cenários é a necessidade de gestão para assegurar que a globalização não saia dos trilhos.²⁴

Aqui, o argumento reacionário ou conservador ilustrado através da tese da futilidade de Hirschman indica que o crescimento econômico poderá melhorar aspectos da ordem social, política ou econômica. Todavia, o jogo é de soma zero, uma vez que tal mudança poderá produzir, por falta de gestão, a desordem.

Por fim, segue o registro de uma ocorrência da tese da ameaça: “[...] se os Estados Unidos mudarem seu foco para a Ásia, a relação União Europeia-Estados Unidos pode ser distendida até o ponto de ruptura”.²⁵

A presença da lógica apresentada pela tese da ameaça de Hirschman denuncia o argumento reacionário ou conservador quando aponta que o custo da mudança de foco norte-americana em direção à Ásia seria inaceitável, considerando o risco de prejudicar o que já se conquistou com a relação União Europeia-Estados Unidos.

CONCLUSÃO

Em entrevista ao programa Milênio, do canal Globo News, em 15 de fevereiro de 2012, Immanuel Wallerstein afirma que vivemos momentos difíceis.²⁶ Identifica a presença da insegurança física, financeira e da confusão geopolítica; esta última relacionada ao fim hegemonia americana.

²⁴ Id. *ibid.*, p.111.

²⁵ Id. *ibid.*, p.115.

²⁶ WALLERSTEIN, Immanuel. Um sistema em transição [15 fev. 2012]. Entrevistador: Jorge Pontual. . Entrevista exibida no programa Milênio. Globo.com. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/globo-news-milenio/tag/immanuel-wallerstein/>.

Alega ser intrinsecamente impossível prever o que irá acontecer, pois os acontecimentos serão resultado de uma infinidade de decisões tomadas por uma infinidade de pessoas em uma infinidade de momentos. No entanto, defende que a mudança de direção do sistema é inevitável.

Se a lógica do funcionamento do sistema impõe a busca pela preponderância, é natural que se assista, em algum momento, ao surgimento de potências emergentes no tabuleiro onde o jogo é jogado. Não menos coerente é a tentativa, por parte das potências historicamente preponderantes, de manutenção de seu status quo, notadamente, dos Estados Unidos, atual potência hegemônica.

Com base nessa premissa e nos indícios encontrados no Mapa do Futuro Global, publicado em 2005 pelo Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos-NIC, o que se pode inferir é que o instrumental fornecido por Carl Sagan e Albert O. Hirschman fornecem fortes subsídios para que se possa verificar a real possibilidade da existência de argumentação de cunho conservador e reacionário, com vistas à manutenção do status quo, na elaboração de cenários prospectivos a respeito de alguns recursos fundamentais para a sobrevivência no interior e não à margem da atual sociedade industrial.

Sabe-se que reconhecer a existência de falácias e de retóricas de cunho reacionário ou conservador não é suficiente para elaborar uma verdade irrefutável a respeito de qualquer discurso. Contudo, nas palavras de Sagan: “Como todos os instrumentos, pode ser mal empregado, aplicado fora do contexto, ou até usado como uma alternativa mecânica para o pensamento. Mas, aplicado judiciosamente, pode fazer toda a diferença [...]”²⁷

REFERÊNCIAS:

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. v. 2.

FIORI, José Luís. A nova geopolítica das nações e o lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul. Unicap, São Paulo, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.unicap.br/neal/artigos/ProfFiori.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

FIORI, José Luís. Sobre o poder global. Novos Estudos, São Paulo, n. 73, p. 61-72, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2012.

²⁷ SAGAN, Carl. Op. cit., p.249.

FLORES, Mário César. Defesa nacional: parâmetros internacionais e problemas internos. Interesse Nacional, Jardim Brasília, DF, jul. 2008. . Disponível em: <http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=2>. Acesso em: 22 nov. 2012.

GRAY, John. A morte da utopia e o regresso das religiões apocalípticas. Lisboa, Portugal: Guerra e Paz Editores, 2008.

HERODOTO, Barbeiro. Relatório da CIA: como será o mundo em 2020. São Paulo: Ediouro, 2006.

HIRSCHMAN, Albert. O. A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. World Energy Outlook 2010. France, 2010. Disponível em: <<http://www.worldenergyoutlook.org/media/weo2010.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2012.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCI. Mapping the Global Future. Report of the National Intelligence Council's 2020 Project. Washington, DC, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.dni.gov/files/documents/Global%20Trends_Mapping%20the%20Global%20Future%202020%20Project.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012.

NAVEGA, Sergio. Pensamento crítico e argumentação sólida. São Paulo: Publicações Inteliwise, 2005.

SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras: 2006.

SCHWARTZ, Peter; RANDALL, Doug. An abrupt climate change scenario and its implications for United States national security. Global Business Network, San Francisco, CA, Oct. 2003. Disponível em: <<http://www.gbn.com/articles/pdfs/Abrupt%20Climate%20Change%20February%202004.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. Um sistema em transição. [15 fev. 2012]. Entrevistador: Jorge Pontual. Globo.com. Rio de Janeiro, 2012. Entrevista exibida no programa Milênio. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/globo-news-milenio/tag/immanuel-wallerstein/>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

Recebido em: 31/10/2012

Aceito em: 21/01/2013

